



Antônio Campos  
DIÁLOGOS CULTURAIS NO  
MUNDO PÓS-MODERNO

Estocolmo, março, 2010

CARPE DIEM  
EDIÇÕES • PRODUÇÕES



## CONFERÊNCIA: BRASIL E O FUTURO

Mesa: Diálogo cultural

Painel: Ciência e cultura

Boa tarde,

Agradeço o convite para participar deste painel – Ciência e Cultura.

O tema Diálogo Cultural é muito grato a mim, que venho advogando a ideia de uma maior integração cultural do Brasil e dos demais países ibero-americanos, que falam línguas neolatinas, com outras culturas.

Diante do cenário atual, o Brasil se apresenta como uma potência econômica emergente. Contudo, venho salientar um aspecto sociológico do Brasil, que é uma maior tolerância na relação racial e cultural, que merece ser mais bem conhecida e estudada pelos outros povos, num momento de grande tensão entre religiões e culturas.

Assim, venho falar sobre diálogos culturais no mundo pós-moderno, através de uma reflexão bastante atual.



Auditório da Academia Real de Ciências da Engenharia, Suécia

## DIÁLOGOS CULTURAIS NO MUNDO PÓS-MODERNO

A globalização econômica e financeira aliada ao progresso das tecnologias de comunicação e informação têm tido impacto sobre as identidades culturais, colocando em risco também a diversidade cultural no mundo. As identidades nacionais, que têm nas culturas nacionais as suas principais fontes, estão com uma tendência de fragmentação, como resultado da homogeneização cultural da pós-modernidade global. Novas identidades híbridas começam a ganhar força. Dialeticamente, algumas identidades estão sendo reforçadas pela resistência à globalização, num processo de tensão entre o local e o global, entre culturas e religiões.

O século XXI passou da diversidade como riqueza para a interculturalidade como problema. As relações ou diálogos entre as culturas estão sendo alterados pelos deslocamentos de imigrantes, como também pela crescente interdependência entre as sociedades em razão do efeito da globalização com fronteiras bem mais complexas do que as convencionais.

Los Angeles é a segunda cidade no mundo em número de mexicanos. Buenos Aires é a segunda em número de bolivianos. O que significa ser europeu, num continente marcado não apenas pelas culturas de suas antigas colônias, mas também por outras culturas e povos oriundos de migrações ou diásporas pós-coloniais? Calcula-se que a Europa tenha em seu território cerca de 20 milhões de muçulmanos.

No seu livro *Choque de civilizações*, o professor e ensaísta americano Samuel P. Huntington previu que, depois da Guerra Fria, as disputas se dariam no terreno da cultura e da religião. As distinções primordiais entre as pessoas não seriam ideológicas nem econômicas, mas de natureza cultural. Realmente, as pessoas estão cada vez mais se definindo com base no idioma, na religião, nos costumes, nos antepassados.

Recentemente, a Suíça proibiu em seu solo novos minaretes (cúpula de mesquitas). Debate-se o uso da burca na França, onde cerca de 1,5 milhão de muçulmanos vivem na região de Paris. A legislação inglesa antiterrorismo tornou-se mais rigorosa, ante o temor do radicalismo islâmico. Na Alemanha, cresce o medo de terrorismo num momento em que a comunidade muçulmana chega a mais de 2 milhões de habitantes.

Merece reflexão o pensamento do escritor Salman Rushdie ao defender seu romance *Versos satânicos*, que causou polêmica e forte reação no fundamentalismo muçulmano por ser considerado ofensivo a Maomé. Rushdie apresenta uma defesa do hibridismo, que é uma das veredas desse novo caminho: “Aqueles pessoas que se opõem violentamente ao romance, hoje, são de opinião de que a mistura entre diferentes culturas inevitavelmente enfraquecerá e destruirá sua própria cultura. Sou da opinião oposta. O livro *Versos satânicos* celebra o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação, que vêm de novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas,

filmes, músicas. O livro alegra-se com os cruzamentos e teme o absolutismo do puro. Mélange, mistura, um pouco disso e um pouco daquilo, é dessa forma que o novo entra no mando. É a grande possibilidade que a migração de massa dá ao mundo, e eu tenho tentado abraçá-la. O livro *Versos satânicos* é a favor da mudança-por-fusão, da mudança-por-reunião. É uma canção de amor para nossos cruzados eus.” (RUSHDIE, *Imaginary homelands*, 1991, Granta Books).

Como melhorar o convívio ou diálogo entre culturas ou indivíduos, admitindo diferenças, sem discriminações, passou a ser uma das principais indagações do século XXI.

O Brasil, que é um país mestiço, marcado pela mistura de raças, deve ser motivo de estudos quanto à tolerância e ao convívio entre raças e culturas, quase numa “democracia racial”. Prescindimos de identidades, porque temos todas elas. O homem novo está no Brasil. Esse traço marcante do Brasil foi objeto de estudos de alguns brasileiros, destacando-se o sociólogo Gilberto Freyre, autor de *Casa-grande & senzala*, que ontem, 15 de março de 2010, faria 110 anos se vivo fosse. Gilberto, inclusive, em sua obra *Insurgências e ressurgências atuais* (1983), previu há quase 30 anos a ressurgência do islamismo.

O crescimento recente da ação afirmativa do Brasil traz Gilberto Freyre de novo à baila. Minha proposta é de que se releia Gilberto Freyre para compreender melhor esse legado das relações raciais no Brasil contribuindo para o debate da identidade brasileira e, certamente, para um melhor entendimento

das questões interculturais no mundo. Haverá, em maio próximo, uma Conferência Internacional sobre o assunto chamada Aliança de Civilizações.

Está no centro da vida contemporânea o desafio de “construir pontes”, de se estabelecer diálogos construtivos de paz, entre culturas que estão em choque real ou aparente, em sociedades cada vez mais interculturais do que multiculturais. Somos “Diversos”, como afirma o poema do músico brasileiro Marcelo Yuka, pois “entre a revolta e a obediência, crescer com diferenças e crescer pelas diferenças, será sempre entender que o amor é a nossa maior forma de inteligência”.

Agradeço a atenção e espero ter contribuído para os debates, no dia de hoje.

Antônio Campos  
Escritor, advogado, acadêmico  
camposad@camposadvogados.com.br  
Estocolmo, março de 2010



Antônio Campos e Arnaldo Niskier, em Estocolmo



Antônio Campos e Ivo Pitanguy, em Estocolmo



Gilberto Freyre Neto, Arnaldo Niskier e Antônio Campos



Antônio Campos e Cristina Oiticica





Texto

Antônio Campos

Revisão

Norma Baracho e Cláudia Cordeiro

Projeto gráfico

Patrícia Lima